

NAZARÉ

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal Bahia Hoje		
Data 16/03/97		
Caderno 1	Página 4	
Seção		
Assunto Bairo		

A brutal mudança de perfil bucólico para comercial

Moradores lembram de um tempo em que nomes ilustres eram vizinhos. Hoje a fama é de um lugar sem estrutura

CARLA ARAGÃO

Os moradores de um bairro, cidade ou país são, sem sombra de dúvida, os agentes da história do lugar onde moram. O bairro é o reflexo do povo que o habita. Então, o que podemos pensar dos atuais moradores de Nazaré? O bairro já abrigou (há muito tempo atrás!) pessoas famosas em casarões antigos e revelou, através de suas praças, monumentos e árvores, uma beleza bucólica pouco encontrada em Salvador. Não havia motivo para invejar os outros bairros porque Nazaré tinha o seu brilho próprio e as pessoas que por lá passavam, anônimos ou ilustres, não ficavam indiferentes à sua beleza.

Atualmente, o bairro é o retrato da indiferença dos seus atuais moradores, que são desarticulados, distantes e, em sua maioria, gostam do bairro por causa da sua conveniência comercial. Uma prova da despolitização é a falta de uma associação de moradores. Alguns podem pensar que a situação do decadente bairro de Nazaré é reflexo dos tempos "pós-modernos" e que não tem como voltar atrás para manter tudo como antes. Estão corretos, o erro está em usarmos esse argumento para justificar o abandono.

Em Nazaré podemos encontrar: hospitais, mendigos, colégios, um sistema de transporte perfeito, duas praças, muitas farmácias, lojas, lanchonetes, igrejas, biblioteca, cine-teatro, apenas dois postos policiais, esculturas picadas, sujeira e violência. Onde estão os 15.000 habitantes do bairro? Enclausurados em seus prédios.

Um dos grandes problemas do bairro é a falta de segurança. São três

módulos policiais - um ao lado da Biblioteca Monteiro Lobato, outro em frente à Escola de Engenharia e o terceiro no Largo do Campo da Pólvora. Cada posto com dois guardas que não podem sair do local por falta de viatura. "Só estamos seguros perto dos módulos, depois deles somos alvos ambulantes de pivetes. Eles ficam na porta das escolas e roubam de relógio até cachorro-quente. À noite é impossível passear na praça. Quando chegamos de madrugada temos que tomar muito cuidado com os ladrões de carro", contou Ana Cristina Silva de 33 anos.

A sua sobrinha Elaine Ribeiro de 15 anos nasceu no bairro e não conhece quase ninguém. "Aqui é calmo e triste. Nos finais de semana não fico em casa. Prefiro ir para casa de parentes em outros bairros", disse Elaine. Ana Cristina atribui essa "frieza e distância" entre os moradores à forma de moradia, que é predominantemente formada por prédios. "É um bairro comercial, que está com a sua beleza comprometida", completou.

O aluno do Colégio Salesiano Tiago Bonfim de 14 anos, apesar de não morar no bairro preocupa-se com ele. "Bem que poderíamos fazer uma campanha para limpar a praça, mas o colégio parece não se importar. Muito menos os moradores", reclamou. Renata Torres, de 18 anos, que sempre passeia na praça com o seu cão fila, resumiu bem a situação: "as pessoas esqueceram das praças em todo canto da cidade porque os shoppings se transformaram nas praças modernas".



Hospitais, colégios e um comércio forte mostram a vocação urbana da região, que reivindica mais policiamento

NAZARÉ

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal Bahia Hoje		
Data 16/03/97		
Caderno 1	Página 4	
Seção		
Assunto Bairro		

Palco de namoros bem comportados e poesia



Jardim de Nazaré - Bahia

A deusa Flora era um dos centros das atenções no footing dos antigos habitantes do bonito jardim

Problemas não tiram o charme do lugar

Nazaré ainda guarda muitas vantagens sobre os outros bairros de Salvador. Os moradores sabem reconhecer as qualidades daquele que foi um lugar estruturalmente voltado para residências, mas que hoje é, basicamente, comercial. O bairro abriga vários hospitais, entre eles, o centenário Santa Isabel, que faz 104 anos no próximo dia 30 de julho, a Maternidade Climério de Oliveira, o Hospital Manuel Vitorino e várias clínicas particulares.

Na área de educação é impossível reclamar, pois o bairro, além de acolher os seus estudantes-moradores, recebe alunos de outros bairros. Entre a Escola Adventista e o Colégio Central, podemos encontrar o Colégio Salesiano, o Nossa

Senhora de Lourdes, o Severino Vieira, o Coração de Jesus e a Escola de Engenharia Eletro-Mecânica da Bahia.

Os moradores podem desconhecer, mas muitas pessoas que passam pelo bairro sentem muita afeição por ele e ficam perplexas diante de tanto abandono. "Tenho uma barraquinha de frutas aqui há 12 anos e sempre sonhei em vir para cá. A primeira coisa que faria? Deixaria essa praça limpa", contou Sônia Santos. Durante o dia, muito movimento, mas à noite, apenas mendigos e marginais ficam perambulando.

Eles ficam à espera de cristãos caridosos, mas até isso está em falta no bairro, segundo Valmira Costa Brandão, que está na praça há mais de um ano.

"Estou grávida e fica difícil arrumar emprego. O pouco que eu tinha roubaram. E aqui é mais difícil porque raramente alguém vem aqui ajudar". O pedreiro Estandislau José Barbosa de 40 anos e sua família - esposa e quatro filhos, o mais velho com 5 anos - compartilham da opinião de Valmira. "Viemos de Rio Real e eu não conseguimos emprego. Estou há quase 6 meses aqui e nunca ninguém se aproximou para saber da nossa situação", lamenta.

Os moradores são servidos pela Biblioteca Monteiro Lobato, que faz 47 anos no próximo dia 18 de abril. A biblioteca é a única, em Salvador, especializada no público infantil. Infelizmente, raramente encontramos uma criança por lá.

Palco de namoros bem comportados e poesia

A Praça Almeida Couto - no Jardim de Nazaré, e o Largo do Campo da Pólvora, onde está o Fórum Rui Barbosa, estão precisando de ajuda. Mendigos, marginais, pichação e barracas fazem parte da realidade atual. Nem dá para imaginar que, nos anos dourados, os dois locais foram palco de namoros comportados, encontros fortuitos e reuniões de intelectuais. Nelas, durante a madrugada, os jovens moradores dos casarões antigos se encontravam para conversar, recitar poesias e cantar. Era a boemia. "Com a urbanização, na década de 60, o bairro foi mudando de feição e no lugar da grama veio o asfalto", relembra saudoso um morador antigo, senhor Jorge Santana. O monumento de

Dom Pedro II, que ficava antes no Largo do Campo da Pólvora, foi transferido - com a construção do Fórum Rui Barbosa, no governo de Otávio Mangabeira, em 1949 - para a praça Almeida Couto. Segundo o historiador Cid Teixeira, o Campo da Pólvora é assim chamado por ter sido, na segunda metade do século XVIII, o paiol da cidade. Foi o local onde aqueles que lutavam pela Independência do Brasil, considerados traidores, eram fuzilados.

Uma das grandes dificuldades é definir onde começa e onde termina Nazaré. Segundo Cid Teixeira, o bairro de Nazaré "desenvolveu-se ao longo de uma espinha dorsal. Tem início no Gabinete Português de Leitura com a Avenida Joana Angélica - quando ainda se

confunde com a Piedade - e segue até o largo que lhe dá nome.

Nazaré tem também as suas sete maravilhas: a Igreja e o Convento da Lapa, a Igreja da Palma, o Fórum Rui Barbosa, o Convento do Desterro e as Igrejas da Saúde e da Glória. São construções antigas que misturam-se aos prédios modernos. O historiador Manoel Passos Pereira descreveu parte dessa realidade em seu livro *História do Bairro de Nazaré - uma experiência participativa em Salvador*, publicado em 1994. Na publicação podemos encontrar depoimentos e informações de ex-moradores, apreciadores e passantes, como Caetano Veloso, Hildegard Viana, Antônio Carlos Magalhães e Hélio Machado.

MERCADO DE TRABALHO

Negro ainda sofre discriminação

Exclusão social e desigualdade nas oportunidades são questões com que os negros de Salvador precisam conviver diariamente. Apesar de 80% da população da cidade pertencer à raça negra, a discriminação é sentida na entrevista de emprego, na concessão de títulos de terra, nas batidas policiais, na ausência do ensino básico, da universidade, da publicidade e dos cargos de confiança no serviço público. Durante o 2º Encontro Estadual de Sindicatos contra o Racismo, encerrado ontem, na sede da CUT/Ba, representantes de sindicatos discutiram as condições do negro e suas chances de ascensão no país da tão propalada democracia racial.

Segundo Raimundo Coutinho, da Comissão Nacional de Luta Contra o Racismo da CUT, a fama de democracia racial para a cidade de Salvador não se justifica. Como maior exemplo ele apresenta o Carnaval, onde se promove uma divisão entre blocos de trio e blocos afro através dos horários. Até as praias são demarcadas, sendo as da cidade baixa mais frequentadas por negros. O caminho para se chegar à igualdade entre as raças, afirma, seria educação para todos com o resgate do ensino público, melhor distribuição de renda, política de saúde e saneamento básico, oferecendo ao negro chances de disputar em condição de igualdade com o branco as mesmas posições na sociedade.

Para Coutinho, nem mesmo o sistema de cotas apresentado pelo governo federal para garantir um percentual de negros nas universidades brasileiras resolveria o problema. "A solução seria dar condições educacionais básicas para que o negro busque a igualdade por si só", completa. Como reflexo da falta de qualificação, a maioria negra vem sendo afastada dos empregos, indo engrossar a população de baixa renda da cidade. O secretário de Políticas Sociais da CUT, Zenóbio José da Silva, diz que a educação deficiente mantém o negro em desvantagem. "O interesse do governo pela cultura do negro é somente para exportação e turismo", conclui.